

CARRIKER, Timóteo. *O Caminho Missionário de Deus – uma teologia bíblica de missões.* São Paulo: Editora Sepal, 2ª edição, 2000. 321 pp.

O autor é missionário da *Presbyterian Church* (USA) e trabalha no Brasil desde 1977, tendo atuado em diversos estados brasileiros como missiólogo. Carriker obteve bacharelado em Ciências da Religião, mestrado em Teologia e Missiologia e doutorado em Estudos Interculturais. Atualmente, atua como consultor missiológico para a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e leciona em diversas instituições de ensino.

O livro traça as linhas mestras da vocação missionária do povo de Deus ao longo da história. O texto desafia a uma análise crítica da tarefa missionária no mundo. O autor desdobra os grandes enredos missiológicos da Bíblia, perpassando todas as épocas bíblicas — não apenas alguns textos tidos como “missionários” —, desde a criação do mundo até a consumação dos tempos.

A pergunta central que permeia os capítulos do livro é: “Quem é o sujeito e quem é o objeto da missão?” Depois vem uma questão mais prática: “Quais as implicações desse significado para nós hoje, como igreja de Jesus Cristo?”

Há algumas observações iniciais importantes. O que surpreende nesse livro, é a constatação de que a missão não inicia com o chamado de Abraão, como o assunto é normalmente abordado pelos missiólogos. Segundo o autor, a missão inicia com a própria criação. Uma vez que Javé é o Deus soberano sobre toda a criação, a universalidade e a unicidade de Deus formam a base fundamental da missão. Deus encarrega o homem de cuidar da criação, e essa tarefa aponta para uma dimensão maior em seus propósitos. O Deus Criador e Soberano tem em mente a salvação, em Cristo, de toda a criação. O grande propósito missionário de Deus é fazer conhecida a sua promessa para a renovação da sua criação e o resgate de todos os povos. A primeira aliança de Deus com o homem não é com Abraão, e sim, com Adão — o que significa que todos os povos da terra estão incluídos nesse propósito salvífico. A mensagem missionária é uma mensagem de redenção, de restauração do mundo e de seus povos ao intento original de Deus. Essa contribuição é relevante para a compreensão de uma missiologia integral e abrangente.

O autor desdobra cada época da história humana e do povo de Israel, desenvolvendo o enredo missiológico que se encontra embutido na mesma. Demonstra que o AT está permeado por “missiologia”, apesar de seu caráter centrípeto, pois não há nenhuma evidência de que Israel devia ir às nações.

Também o NT é abordado de modo específico. Os Evangelhos, o livro

de Atos, as Cartas e o Apocalipse, destacam a missiologia centrífuga, i.e., o “Vão” até os perdidos. O que, porém, fica evidente, tanto na abordagem do Antigo quanto do Novo Testamento, é que o sujeito da missão é sempre o próprio Deus.

Apesar de ter escolhido um povo no AT, Israel, como “agente missionário” entre as nações e de ter confiado a tarefa de pregar o Evangelho aos discípulos/à Igreja no NT, essa responsabilidade é acompanhada pela garantia da realização da missão pelo próprio Deus. Essa tese é defendida pelo autor ao longo de todos os capítulos, que analisam as diversas formas literárias dos livros bíblicos.

A eleição de Israel (Ex 19:6) e, mais tarde, da Igreja (1 Pe 2:9), não tem o sentido de privilégio, de fim em si mesmo, mas é uma “eleição para”; ou seja, implica em responsabilidade universal “para com” as nações. Pelo ministério do próprio Jesus, e de modo mais explícito pela grande comissão (“Façam discípulos de todas as nações”), ou de textos como Atos 1:8, e muitos outros, fica claro qual é o alvo missionário de Deus: todas as nações da terra. O NT apresenta uma cristologia cósmica e universal que destaca a soberania de Deus, expressa, de modo especial, em Jesus Cristo crucificado e ressurreto.

A grandiosa missão que Jesus entregou aos seus discípulos e à Igreja, é realizada unicamente por causa do cumprimento da promessa da vinda do Espírito Santo. A era antes do fim é a era do Espírito, ou seja, o tempo da missão. Isso aponta mais uma vez para a soberania de Deus. Não somos nós os agentes missionários, e sim, o próprio Deus. Nós somos, usando as palavras do apóstolo Paulo, “cooperadores de Deus”. Estamos diante de uma tensão entre a obra divina e a responsabilidade humana. Para que o plano de Deus se cumpra, ou seja, para que os povos ouçam o Evangelho, é necessário que alguém pregue. Nós, como Igreja de Jesus Cristo, estamos, pois, inseridos nessa grande missão de Deus, de levar a história à sua consumação, ao seu grande *Eschaton*.

Vivemos num mundo pluralista, e isso tem suas conseqüências, tanto positivas como negativas, também para a teologia. Há uma grande diversidade de sistemas conceituais, bem como de teologias da missão. Existem muitas obras de missiologia que se ocupam com princípios mais amplos e históricos em sua investigação, outros, com princípios mais específicos e estratégias.

Em contrapartida, Timóteo Carriker propõe desenvolver uma teologia bíblica da missão que abrange o registro bíblico como um todo, capacitando o leitor a perceber o enredo de missão através de toda a história registrada nas

Sagradas Escrituras. O livro não se atém a receitas e regras prontas para algumas formas ou estratégias de missão, antes oferece um fundamento conceitual amplo, que se aplica a qualquer trabalho missionário.

De modo geral, é uma obra de fácil assimilação, tem uma seqüência lógica de pensamento e de estruturação do assunto. A atualização, bem como as perguntas para a reflexão e discussão após cada capítulo, são de grande valor pedagógico por trazerem o assunto para perto do leitor, envolvendo-o no plano missiológico de Deus. Recomendo o livro, tanto para o ensino como para o aprendizado autodidático, pois muito contribui para a definição da tarefa missionária em nossos dias.

Waltraut Müller
Faculdade Luterana de Teologia – MEUC
São Bento do Sul, SC

FEE, Gordon D. *Paulo, o Espírito e o povo de Deus*. Campinas: United Press Ltda, 1987. 222 pp.

O autor, Gordon Fee, é um erudito neotestamentário pentecostal, professor de Novo Testamento no Regent College em Vancouver, Canadá. De seus livros, o que merece destaque especial é *God's Empowering Presence*, uma obra exegética excelente e exaustiva a respeito do assunto “o Espírito Santo” nas cartas de Paulo. O presente livro é uma adaptação mais acessível da obra erudita acima citada, estando ao alcance de leitores menos versados em Teologia. Entre os diversos livros que Fee escreveu destacam-se os comentários sobre 1 Coríntios, 1 e 2 Timóteo e Tito, na coleção *The New International Commentary on the New Testament*.

Esse livro é de grande importância para os nossos dias, nos quais reina tanta confusão em torno da doutrina do Espírito Santo e dos dons espirituais. A abordagem é sóbria e fiel ao testemunho bíblico, destacando a importância do Espírito Santo para a vida da comunidade cristã.

Em *Paulo, o Espírito e o Povo de Deus*, Gordon Fee defende a centralidade do Espírito Santo — ao lado de Jesus Cristo crucificado e ressurreto —, na teologia e experiência de Paulo, tanto para a vida cristã individual do crente, como, principalmente, para a vida da comunidade cristã como povo escatológico de Deus.

A experiência do Espírito não é vista como algo estático, mas dinâmi-

co. Toda a vida cristã é, na realidade, ação do Espírito. Fee enfatiza que o cristianismo primitivo vivia muito mais cômico da presença e da atuação do Espírito Santo do que nós hoje. Isso se manifestava pelo seu testemunho, pelos dons e frutos. A igreja se compreendia como inteiramente escatológica, no sentido do “já/ainda não”. Era uma proposta de vida do futuro na presente era, o que tinha importantes implicações éticas. A partir dessa perspectiva a igreja primitiva fazia diferença na sociedade secularizada e pagã.

A “estrutura escatológica” é um aspecto muito importante para a compreensão de Paulo com relação ao Espírito. Em outras palavras, com a ressurreição de Cristo e a vinda do Espírito como cumprimento das promessas do AT, o futuro já começou e está andando rumo à consumação final. Portanto, não podemos separar a experiência do andar no Espírito da perspectiva escatológica que domina o pensamento de Paulo. Dentro dessa estrutura, a salvação em Cristo é a preocupação essencial. A salvação é escatológica no sentido de salvação final, mas já é uma realidade presente por meio de Cristo e do Espírito.

A experiência da vida no Espírito não é algo pessoal somente, mas é também uma grandeza “comunitária”. Isso quer dizer que, pelo Espírito, ocorre o retorno da presença pessoal de Deus para habitar em e no meio do seu povo, fazendo dele o seu templo, o lugar de sua habitação pessoal na terra. O propósito de Deus é criar um povo escatológico, o corpo de Cristo, que viva a vida do futuro já no presente, por intermédio da experiência comum do Espírito.

Convém destacar que Paulo sempre aborda o Espírito de “forma trinitária”, o que é fundamental para a teologia cristã. Não se pode dissociar o Espírito nem do Pai nem do Filho. A salvação como um todo está relacionada à Trindade: o Pai enviou seu Filho, que morreu e ressuscitou, e também enviou o seu Espírito para tomar a salvação eficaz nas vidas dos que crêem. A salvação é uma obra trinitária do início ao fim.

Paulo destaca o papel do Espírito como o “elemento central da vida cristã”: tanto para ouvir como para compreender o Evangelho; tanto para pregar como para aceitar a mensagem; tanto para reconhecer o pecado como para confessá-lo; tanto para obter a salvação, como também a santificação; tanto para o andar diário no Espírito por meio de uma conduta ética, como para obedecer a vontade de Deus; tanto para uma vida frutífera pessoal como comunitária.

O Espírito Santo é a presença de Deus Pai e Deus Filho na vida do corpo. Tudo isso é obra da Trindade: o Espírito é a presença fortalecedora de Deus, transformando-nos na semelhança de Cristo, para a sua glória. É o